



Ciencia y Sociedad

A modernização das bibliotecas: como o avanço tecnológico tem propiciado a transformação das bibliotecas no século XXI

Maria Irene da Fonseca e Sá

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil · mariairene@facc.ufrj.br

Isabelle de Araújo Carvalho

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil · isa_0305@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho refletiu sobre as transformações enfrentadas pelas bibliotecas no atual século. Para o embasamento de hipóteses, foi realizado um levantamento bibliográfico em uma pesquisa exploratória, onde foi visto que o processo de transformação das bibliotecas se torna possível através do avanço de tecnologias da informação que permitem que o usuário possa interagir com a biblioteca, com o bibliotecário e com os demais usuários que buscam por informações dentro e fora desse ambiente. Utilizando um breve histórico das bibliotecas como ponto de partida para os estudos, refletiu-se sobre os efeitos das tecnologias nas mudanças observadas, entretanto levando em consideração o papel da própria sociedade em aceitar as novas tecnologias. As bibliotecas têm se mostrado cada vez mais importantes para a sociedade e especialmente agora, quando a internet causou um considerável aumento no fluxo de informações publicadas diariamente, além de oferecer facilidades inusitadas que competem, ao mesmo tempo que interagem com a biblioteca. Como forma de facilitar a compreensão das reflexões explicitadas neste trabalho, foram tomadas como exemplo as seguintes unidades de informação: a Bibliothèque Publique d'Information, no Centro Georges Pompidou, na França, a Biblioteca Municipal de Colônia, na Alemanha, a Biblioteca Parque Estadual no Rio de Janeiro e a Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro. Percebeu-se que no Brasil, o processo de mudança é ainda demorado, entretanto, já dá seus primeiros passos.

Palavras-chave: Biblioteca Pública. Transformação das Bibliotecas. Tecnologia da Informação. Centro Cultural.

Abstract: This paper reflected on the changes faced by libraries in the current century. For the basis of hypotheses, a literature review was conducted in an exploratory research, where it was seen that the process of transformation of libraries is made possible by information technology advances that allow the user to interact with the library, with the librarian and the other users that search for information in and out of that environment. Using a brief history of libraries as a starting point for studies, was reflected on the effects of technology on observed changes, however taking into account the role of society itself to accept new technologies. Libraries have become ever more important to society and especially now, when the internet has caused a significant increase in the flow of information posted daily, and offers unusual facilities that compete at the same time that interact with the library. In order to facilitate the understanding of reflections explained in this work were taken as example the following information units: the Bibliothèque Publique d'Information, the Centre Georges Pompidou, France, the Municipal Library of Cologne, Germany, the Library State Park in Rio de Janeiro and the Library of the Bank of Brazil Cultural Center in Rio de Janeiro. It was noticed that in Brazil, the process of change is still time consuming, however, already takes his first steps.

Keywords: Public Library. Transformation of Libraries. Information Technology. Cultural Center.

1 Introdução

Desde a difusão dos computadores portáteis e da internet, na década de 1990, o modo como se vê a informação mudou, assim como mudou o modo como se pensam os lugares de informação. Imaginar um tipo de biblioteca fria, restrita e seletiva nos dias atuais, não condiz com o momento que vivenciamos, de abertura e difusão rápida de todo tipo de informação. As bibliotecas podem hoje ser vistas como centros culturais, onde as pessoas podem interagir umas com as outras e onde elas interagem com o seu usuário, incluindo-o em suas atividades e seu planejamento. Com a ampla disseminação da informação e o surgimento de novas tecnologias, podemos dizer que nas bibliotecas, "a tendência é juntar num mesmo local não só os acervos, mas auditório para apresentação de peças de teatro, recitais, exibição de filmes, exposições, palestras..." (, 2002, p. 78), de forma que o lugar de informação representado pela biblioteca possa funcionar como um centro cultural e abrigar todo tipo de informação, não apenas a escrita, mas também a falada, a interpretada, e o conhecimento empírico e tácito de cada usuário, de maneira que a troca de informação entre os usuários também possa se tornar uma das fontes de informação presentes na biblioteca. Em um espaço silencioso e extremamente controlado, não é praticável a ocorrência de tal relação de troca; por isso o ambiente, seja físico ou digital, deve ser pensado com a pretensão de acolher esse novo modo de lidar com a informação e com as pessoas que buscam por ela.

A sociedade se desenvolve juntamente com a criação de novos objetos tecnológicos, desde os mais rudimentares até os mais modernos. É possível identificar alguns pontos na história onde esse fato se destaca, como por exemplo a invenção da roda, da energia elétrica e dos computadores portáteis. Para cada uma dessas inovações, percebe-se que existiam necessidades que surgiram antes delas e que culminaram em suas invenções e, então, houve uma grande mudança nos modos de se realizar atividades, acompanhado de novas necessidades e inovações, formando um ciclo. Percebe-se que os momentos de mudança na sociedade estão intimamente ligados à capacidade do homem de inventar objetos que o auxiliem no seu dia-a-dia, facilitando sua relação com o ambiente em que vive. Entretanto, segundo Castells (2010, p. 43), não é a sociedade quem determina "o curso das transformações tecnológicas" e nem a tecnologia determina a sociedade; ambas são simplesmente integradas uma à outra em uma interação dialética, onde a sociedade, apesar de não determinar a tecnologia, é capaz de exercer poder sobre ela sufocando-a ou utilizando-se dela, de forma que o destino da economia, do militarismo ou outro aspecto social possa ser mudado.

Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico. (Castells, 2010, p. 44)

Portanto, essa integração, mesmo que não intencionalmente, causa pontos a serem destacados ao longo da história da humanidade, em um processo que não depende apenas da criação de uma tecnologia, mas da capacidade da sociedade em dominá-la. Dentro desse contexto, procura-se entender como a tecnologia e seus avanços podem ter influenciado os ambientes das bibliotecas, a interação do bibliotecário com o usuário e do usuário com outros usuários nesse ambiente. Pretende-se contribuir para a discussão sobre como a tecnologia influencia o ambiente da biblioteca, de forma que esta passa a apresentar características de um centro de cultura.

Assim, o objetivo do trabalho foi analisar os impactos do avanço tecnológico nas bibliotecas e a forma como essas deixam de ser um "santuário do conhecimento" para se tornarem espaços mais informais. Para tal o trabalho explora a perspectiva da biblioteca como um espaço em transformação e reflete sobre como a tecnologia afeta a disseminação da informação no que diz respeito às bibliotecas.

2 Metodologia

Esta é uma pesquisa exploratória que faz uso de levantamento bibliográfico para embasamento de hipóteses. Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a história da biblioteca, relacionando-a com a tecnologia, para chegar às mudanças que presenciamos no presente século, principalmente nas bibliotecas públicas. Ao final do trabalho são feitas observações sobre quatro bibliotecas selecionadas, que serviram como exemplo, de acordo com os conceitos que foram abordados. São elas: a *Bibliothèque Publique d'Information*, no Centro Georges Pompidou, na França, a Biblioteca Municipal de Colônia, na Alemanha, a Biblioteca Parque Estadual no Rio de Janeiro e a Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro. As bibliotecas foram escolhidas com base nos serviços oferecidos, que são inovadores no ambiente que as cerca. A análise destas bibliotecas tem por objetivo facilitar a compreensão sobre as reflexões desenvolvidas no presente trabalho.

3 Referencial teórico

Com o intuito de esclarecer alguns termos que serão utilizados, são delineados alguns dos conceitos que norteiam este trabalho.

3.1 Conceito de biblioteca

Segundo o dicionário *online* Priberam, biblioteca é um conjunto de livros, uma coleção deles, ou ainda um lugar que abriga essa coleção. Já Baratin e Jacob veem a biblioteca dessa forma:

A biblioteca é um lugar, uma instituição. É o cruzamento paradoxal de um projeto utópico (fazer coexistir num mesmo espaço todos os vestígios do pensamento humano confiados à escrita) com as restrições técnicas, ergonômicas, políticas de conservação, de seleção, de classificação e de comunicação dos textos, das imagens, e, hoje, dos sons. É também, e simultaneamente, um desígnio intelectual, um projeto, um conceito imaterial que dá sentido e profundidade às práticas de leitura, de escrita e de interpretação. Enfim, é uma coleção de livros, o efeito resultante de sua justaposição e interação: uma biblioteca não é necessariamente um edifício, como nos mostram as estantes de Alexandria ou os provedores informáticos que transmitem hoje, à distância, livros ou artigos digitalizados (Baratin & Jacob, 2000, p. 10).

Porém, surgem os termos "biblioteca física", "biblioteca eletrônica", "biblioteca digital" e "biblioteca virtual". Todas abrigam informações, o que muda é o formato que cada uma apresenta. Na biblioteca física, ou biblioteca tradicional, temos paredes e livros e tudo é palpável. Ao entrar, logo vemos as lombadas dos livros nas estantes, pessoas dentro do espaço fazendo suas pesquisas e suas leituras, espaços para estudos individuais e em grupo, bibliotecários atrás de balcões ou ajudando algum usuário a encontrar o que busca. Nesse espaço, podem estar presentes ou não os computadores, que se existentes, estão sendo utilizados para lazer, negócios, estudos, pesquisas.

Se a biblioteca física, descrita anteriormente, possui computadores com acesso a bases de dados que contêm textos em formato digital, ou utiliza mídias eletrônicas para armazenamento de informações, então ela pode ser considerada uma biblioteca eletrônica. Uma definição mais exata pode ser dada por autores da área:

[...] a réplica eletrônica da biblioteca tradicional baseia-se no uso de recursos de *hardware* e *software* computacionais que facilitem a busca, leitura e recuperação de informações armazenadas em mídia eletrônica (discos magnéticos, disquetes, CD-ROM) ou em suportes impressos. No ambiente da biblioteca eletrônica, a informação impressa coexiste com a eletrônica. De fato, as bibliotecas automatizadas já têm elementos eletrônicos e são uma forma de biblioteca eletrônica. Limitam-se, porém, ao seu próprio ambiente informacional, e ao interligarem-se à Internet, disponibilizando acessos às suas informações, acrescem outros termos, como por exemplo o de biblioteca eletrônica (Macedo & Modesto, 1999, p. 64).

Assim, vê-se que este tipo de biblioteca é um modelo híbrido, onde a informação impressa e a digital coexistem em um mesmo ambiente, fazendo uso de mídia eletrônica e da internet. É principalmente desse tipo de biblioteca que trata o presente trabalho.

A biblioteca digital abriga acervos completamente eletrônicos, podendo ser acessados através de redes de computadores, seja em uma biblioteca digital física, em um prédio, ou a partir de locais externos ao ambiente da biblioteca, como a casa do usuário ou seu ambiente de trabalho. Uma biblioteca eletrônica (ou a biblioteca tradicional híbrida) pode possuir um acervo digital disponível para que os usuários tenham acesso a ele diretamente de seus computadores ou aparelhos como *smartphones* e *tablets* pessoais. Entretanto, é muito mais do que o mero acesso à informação disponibilizado nessa biblioteca para acesso pelo usuário,

[...] difere a BD [biblioteca digital] da biblioteca eletrônica porque é um serviço de informação no qual todos os recursos informacionais estão disponíveis em formato processável por computador, ou seja, o armazenamento, preservação, recuperação, acesso e apresentação das informações ocorrem através do uso de tecnologia digital (discos ópticos e magnéticos). Neste sentido, a BD não contempla materiais convencionais impressos como livros, já que estes seriam convertidos/digitalizados para o formato digital. A informação é pois compartilhada simultânea e instantaneamente por meio de acesso local ou remoto, já que a biblioteca digital se estrutura em redes de computadores, que são também veículos digitais. Este é o ponto chave da BD: sua informação pode ser acessada remotamente em múltiplas vias (Macedo & Modesto, 1999, p. 64).

Sá (2013, p. 59) explicita que na biblioteca digital, se "[...] identifica três componentes essenciais: a coleção, os serviços de acesso e o usuário do serviço."; o que nos leva a pensar na existência de todo um processo que acontece por trás da tela de nossos dispositivos eletrônicos, desde a seleção do material, ao seu tratamento, à tecnologia escolhida, tudo para que o usuário possa acessar a informação de onde quiser. Assim, tem-se que a biblioteca digital "[...] é um espaço informativo onde as coleções digitais, os serviços de acesso e as pessoas interagem no apoio ao ciclo de criação, preservação e utilização do documento digital." (Tammaro, 2008 como citado em Sá, 2013, p. 59). Assim, não é por ela ser digital que não há a preocupação com as necessidades do usuário.

Esse tipo de biblioteca é comum de se ver atualmente hospedada em *sites* de diferentes instituições, entretanto ela também pode existir fisicamente, ainda que isso ainda seja incomum. Um exemplo de biblioteca física inteiramente digital é a BiblioTech, inaugurada em setembro de 2013, no estado do Texas, Estados Unidos. Com o acervo composto exclusivamente por arquivos digitais, ela abriga em sua estrutura predial: 45 iPads, 40 laptops e 48 desktops que podem ser utilizados por seus usuários dentro da biblioteca; além de 600 *e-readers* para empréstimo ao público geral e mais 200 outros *e-readers* para empréstimo voltado especialmente para o público infantil.

Há bibliotecas digitais que funcionam apenas através de acesso remoto, ou seja, não possuem uma estrutura de biblioteca física exclusivamente digital. Podem ser citadas como exemplo a biblioteca digital do Senado e bibliotecas de universidades, como a da UNICAMP.

Em uma experiência que vai além do uso do mouse, da leitura em tela de arquivos digitais e da busca *online*, a biblioteca virtual é aquela que proporciona a sensação de estar dentro do ambiente informacional.

[...] já a BV [biblioteca virtual], sendo, na verdade, mais uma ambiência de realidade não-presencial, depende de recursos mais complexos, próprios de tecnologia de realidade virtual. Recurso este, combinatório de software apropriado, acoplado a um computador conectado a outros periféricos interligados (microfones, fones de ouvido, visores, luvas e capacete entre outros equipamentos especiais), permitindo reproduzir o cenário de uma biblioteca (ou outro organismo) de forma dimensional. Aqui, o usuário utilizando os equipamentos necessários, pode imergir tendo a sensação de que os objetos visualizados se parecem e se comportam como

coas reafiPodern consu r c trôgo, percorrer est ntes, vasu e r contextos, alenta c r esp lps, f zer n ôgã s, etc(f f) utaz -se d tecnoôgã comput caon & d s redes eletrônac s e do cesso remoto)M cedo " Modesto, 1999, pf64/fi

Portanto, nesse tipo de biblioteca, é possível, através de equipamento adequado, proporcionar a experiência visual aproximada que se tem em uma biblioteca física, por meio do computador, redes eletrônicas e do acesso remoto.

3.2 Biblioteca pública

As transformações exploradas neste trabalho tratam especialmente da biblioteca pública, já que tem-se percebido que é nesse tipo de biblioteca que as maiores mudanças têm acontecido. Enquanto as bibliotecas universitárias, por exemplo, continuam apresentando o mesmo *layout* com estantes de acervo científico, mesas, cadeiras e computadores à espera de alguém que possa ter interesse em utilizá-los, sem promover atividades que criem demanda de informação, a biblioteca pública tem agido de forma diferente, mais dinâmica. Entendendo o papel da biblioteca pública na sociedade, podemos ter uma ideia do porquê desse dinamismo.

McGarry (1999, p. 117) define biblioteca pública como "[...] a instituição que fornece um serviço gratuito a toda a população de uma comunidade, distrito ou região, sendo em geral financiada, no todo ou em parte, com recursos públicos" e Suaiden (1995), fala sobre o objetivo dessa instituição:

A bab&otec` pCb&ac` , m` ntaf` pe& governo, tem por objetivo pramordâ &preserv` r e dafundar o conhecimento, prncap` &mente no que se refere j cu&ur` &oc` & e dentre todos os tapos de bab&otec` s Ò` Q&ac` que possuare` &mente c` r cter&taç` s de um` anstaua] o socâ & t` nto pe& `mp&itude de seu c` mpo de ` l] o como pe& daversa c` l] o de seus usu&raos)Su` aden, 1995, pf19/fi

Assim, temos que a biblioteca pública é uma instituição social, com objetivo de disseminar informação e cultura a uma comunidade de forma gratuita, já que é mantida e financiada por recursos que partem ao menos parcialmente do governo.

Com essa definição, perceberemos logo a sua relevância na construção da sociedade, já que provê o homem de informação e cultura, sem que seja necessário que se pague por isso. A biblioteca pública também ajuda a amenizar a questão da desigualdade social. Apesar de que muitos acreditam que a internet tem esse papel de democratização do acesso à informação. No Brasil, ainda que 50,1% da população tenha acesso à internet, segundo dados do IBGE deste ano divulgados pelo *site* do G1, ainda há 49,9% da população que não o tem. Isso quer dizer que aproximadamente 100 milhões de pessoas no nosso país não usufruem das facilidades trazidas pela *web*, e é necessário que essas pessoas também tenham acesso à informação.

Entretanto, McGarry (1999) ressalta que o serviço oferecido pelas bibliotecas públicas não é pago no momento de uso, mas o é através de impostos. Apesar de ser um serviço essencial para o sistema democrático, o qual não se tem intenção de extinguir, é preciso que o impacto social seja percebido para ser mantido. Em outras palavras, é preciso mostrar serviço, uma vez que "[...] os prédios não fazem bibliotecas, do mesmo modo que só os prédios escolares não fazem escolas." (Mcgarry, 1999, p. 118). A mera existência das bibliotecas não muda o âmbito social da comunidade se não houver a prestação de serviços que de fato beneficiem o lugar e façam com que a população preze pela existência da biblioteca.

3.3 Conceito de tecnologia

Os tipos de biblioteca eletrônica, digital e virtual, descritos anteriormente, só são possíveis hoje por causa do avanço tecnológico. Por isso é importante saber o que quer dizer tecnologia. Segundo o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, tecnologia é um "Recurso físico útil, que serve como instrumento ou meio de realizar alguma coisa. Qualquer técnica poderá fazer uso maior ou menor de diferentes tecnologias." (Cunha & Cavalcanti, 2008, p. 356).

A tecnologia, porém, não se cria sozinha, mas sim dentro de uma sociedade. Por isso, Castells (2010, p. 43) considera que "na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a

sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas".

É através de todo um conjunto de aspectos sociais que uma tecnologia surge. O incentivo à criatividade e ao empreendedorismo, a necessidade de inovação, a liberdade dada às pessoas para que elas criem, são atitudes da sociedade que são propícias à criação de novas tecnologias. Da mesma maneira, essas novas tecnologias podem também servir como propulsores para o surgimento de outra tecnologia combinado com um novo modo de agir da sociedade, criando novas necessidades e otimizando questões de tempo e espaço.

Tendo ainda como base o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, o termo "tecnologia da informação" é definido como uma "tecnologia baseada na eletrônica e dirigida ao tratamento da informação, compreendendo toda a tecnologia informática e das telecomunicações, juntamente com partes da eletrônica de consumo e radiofusão." (Cunha & Cavalcanti, 2008, p. 356) ou como um "Produto da convergência das tecnologias da computação e comunicação". (Cunha & Cavalcanti, 2008, p. 356). Podemos dizer, que tecnologia da informação é aquela tecnologia voltada para a disseminação da informação para a sociedade, de forma a diminuir a distância entre elas.

3.4 Conceito de centro cultural

Para Milanese (2003, p. 28), "não há, pois, um modelo de centro cultural. Há uma base ampla que permite diferenciar um espaço cultural de um supermercado: é a reunião de produtos culturais, a possibilidade de discuti-los e a prática de criar novos produtos". Dessa forma, os centros culturais devem ser locais dinâmicos, de criação e de discussão, que irão ter como produto, a cultura.

Segundo Cuche (2002, p. 137), "toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução". Assim, um centro cultural deve ser um lugar que permita as relações interpessoais, a troca de informações e o debate, de modo que possa causar essa construção cultural contínua, "[...] porque ela é uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais em si". (Cuche, 2002, p. 143). As bibliotecas também se enquadram nesse conceito de centro cultural quando deixam de ser apenas um espaço com estantes de livros inerte, que mais lembra um supermercado, para tornar-se um espaço dinâmico, onde o usuário pode interagir com o mesmo e usar de seus conhecimentos e sua imaginação para produzir e criar. Saramago (2014, p. 91-92) corrobora ao afirmar que: "O mal pior que pode acontecer a uma biblioteca é transformar-se num depósito de livros. Sem uma atividade paralela estimulante, o indispensável sossego das salas de leitura cobre uma dormência rotineira que encontra o seu prêmio precisamente na ausência de sobressaltos e dinamismo."

Se, segundo Balandier (1955 como citado em Cuche, 2002, p. 143), para conhecer uma cultura, é necessário analisar a situação socio-histórica que produz o sistema cultural como ele é, então as bibliotecas se tornam um excelente lugar para essa análise, já que as mudanças sofridas por elas são decorrentes das mudanças enfrentadas por determinada comunidade.

Das transformações percebidas nas bibliotecas e que serão discutidas mais adiante, vê-se que esses ambientes têm incluído em seu edifício: auditórios, áreas de convivência, espaço para exposições, salas de leitura, lanchonetes, jardins, estúdios de música e espaços de reflexão. Também têm incluído em seu acervo, além de livros, jornais, filmes de todos os tipos, CDs de música; e em sua mobília, além de computadores, impressoras 3D, pianos e outros instrumentos musicais e um mobiliário atrativo que faz com que o usuário sinta vontade de entrar e ficar. Assim, as bibliotecas deixam de ser um local onde se vai para procurar informação, ler e ir embora, mas torna-se um lugar onde também se pode discutir sobre aquilo que foi lido, assim como sobre assuntos de conhecimento empírico e tácito. As possibilidades

nesse ambiente tornam-se diversas e a biblioteca que oferece esse tipo de espaço tem sido chamada de espaço de cultura ou de centro cultural.

4 Breve histórico das bibliotecas

Antes de existir a escrita, não poderiam existir bibliotecas, nem uma posterior recuperação de informação. Na cultura oral, as pessoas carregavam seus conhecimentos na memória e os passavam adiante através de suas vozes. Durante muito tempo, ler e escrever eram de domínio de apenas uma pequena parte da população. Segundo Obata(1999, p. 92), ainda "Há concepções baseadas na ideia de que o domínio da leitura e da escrita e ainda o acesso à biblioteca são restritos a determinados segmentos da sociedade que detêm o poder político, religioso ou técnico acadêmico."

Naquela época, quando os sábios faziam registros em tábuas de argila, haveria sempre um método de pôr em ordem o que ali estava escrito. "Aí está a ideia mais primitiva de biblioteca: o resultado do desejo e da necessidade quase instintiva de poder utilizar várias vezes uma informação que pudesse ser significativa" (Milanesi, 2002, p. 20). Na Antiguidade, quando o papiro era o material mais utilizado na Grécia e Egito, um registro poderia utilizar-se de mais do que um rolo de papiro, ou *volumen*. Assim, quando colocados em estantes, esses rolos ganhavam etiquetas para identificação. Podemos imaginar a biblioteca de Alexandria e sua vasta coleção de inúmeros rolos de papiro utilizando-se desse esquema em cada obra para que a informação não se perdesse na imensidão daquele lugar. Mas apesar de sua imensidão, aqui a biblioteca não tinha função de difusora da informação, mas sim de depósito de conhecimento e a entrada de pessoas era extremamente restrita.

Na Idade Média, o material mais utilizado para o registro da informação era o pergaminho, feito de pele de animais. Inicialmente eles eram enrolados da mesma maneira que o papiro, mas com o tempo, ganharam uma nova forma, chamada códice, cujo formato se assemelhava ao de um livro moderno. Esse novo formato revolucionou o modo como se lia um texto, introduzindo a separação entre as palavras, parágrafos e capítulos e foi crucial na propagação do cristianismo. Como usualmente eram fabricados nos mosteiros, copiados e ilustrados por monges calígrafos, era lá que se encontravam grandes coleções de códices. Não obstante, o acesso a essas bibliotecas monásticas era restrito apenas a religiosos e os leigos estavam impedidos de acessá-la. Nessa época, a biblioteca era um modo de ostentação de riqueza; por isso, existiam também as bibliotecas particulares, que só podiam ser utilizadas por seus proprietários, os nobres.

Na Idade Moderna, por volta de 1440 (há divergências quanto à data exata), Gutenberg montou sua imprensa de tipos móveis, utilizando o papel, além de outros materiais, e o formato do códice, para imprimir seus textos. Foi depois do surgimento desse tipo de imprensa que o papel foi considerado revolucionário, já que seu preço era mais baixo do que outros suportes, o que tornou o livro mais acessível na época, chegando a outras camadas da sociedade além do clérigo. Uma forma de medir a importância dessa tecnologia é mensuração pela quantidade de livros antes e depois dela.

Até a época de Gutenberg, cerca de 30.000 manuscritos continham o acervo mundial de informações registradas. Durante os 150 anos seguintes, até a época em que Shakespeare escrevia, estima-se que por volta de 1.250.000 títulos haviam sido publicados. Seria, para essa época, uma 'explosão bibliográfica' (Mcgarry, 1999, p. 79).

A invenção da imprensa de Gutenberg teve um efeito de democratização do acesso à informação, já que houve um barateamento dos livros e, portanto, as pessoas poderiam adquiri-los com mais facilidade. Isso também trouxe melhorias na alfabetização e educação, o que quebrou o monopólio de conhecimento da época. Com tantos livros sendo produzidos, foi necessário repensar as bibliotecas. A ideia de livros, geralmente de assuntos religiosos, acorrentados e separados por língua já não mais se adequavam à nova realidade da sociedade. Com a grande quantidade de produção, a organização das bibliotecas teve que ser mudada, para que as

informações não se perdessem e para que houvesse algum controle sobre o que estava ali.

Chega-se ao século XVII, em que percebe-se que há mais livros publicados do que é humanamente possível ler. As listas de bibliografias já não mais dão conta de relacionar todas as publicações e com o aumento da velocidade das descobertas científicas, surgem os periódicos e revistas para manter os especialistas mais prontamente informados.

Ao longo do tempo, pouca coisa mudou no processo de produção do livro, exceto que tal processo deixou de ser artesanal para se tornar bem mais industrializado e moderno. O que mudou foi o modo como as pessoas lidam com ele, o que causou a criação de revistas, de bibliotecas públicas e de formas mais rápidas de se ter acesso à informação. Segundo Darnton (2010, p. 39), "[...] é possível afirmar que houve quatro mudanças fundamentais na tecnologia da informação desde que os humanos aprenderam a falar". Essas mudanças são a escrita, que aconteceu por volta de 4000 a.C, a substituição do pergaminho pelo códice no início da era cristã, a transformação dos códices em livros pela imprensa de Gutenberg, e a comunicação eletrônica, a internet, que segundo o autor, data de 1974, mas que se tornou mais popular na metade da década de 1990. As novas mudanças que percebemos na difusão da informação e que serão vistas adiante, surgiram, principalmente, a partir dessa época, quando a internet começou a se tornar popular e mais dinâmica. Apesar de que nos anos 1970 em alguns países e para algumas camadas da sociedade a internet já trazia consigo mudanças significativas, é apenas na década de 1990, ajudada pela popularização dos computadores pessoais, que ela começa a revolucionar o modo como lidamos com a informação.

Com a ampla utilização dos computadores pessoais e da internet, pensava-se que os livros seriam substituídos inteiramente por mídias digitais. Se isso irá acontecer num futuro próximo, não podemos prever; entretanto, não presenciamos esse cenário atualmente. Livros e *e-books* ocupam hoje um espaço híbrido, onde ambos coexistem e têm cada um o seu público.

5 O impacto das tecnologias nas bibliotecas

Pelo breve histórico descrito anteriormente, já se tem ideia de que cada invenção vem acompanhada de um momento novo e diferente nas bibliotecas em cada época. Apesar de que depois da imprensa até pouco antes da internet não houve tanto avanço no que diz respeito aos livros, houve avanços na comunicação e portanto na disseminação da informação. Obata (1999, p. 92) relata que após a invenção da imprensa "[...] dá-se início à mudança paulatina da biblioteca enquanto espaço de conservação para biblioteca de difusão da informação e cultura."

Assim, já vimos que por volta de 1440, Johannes Gutenberg montou uma imprensa de tipos móveis, essencial para a difusão dos livros e das ideias da época. Além dessa invenção, podemos citar algumas outras que influenciaram a difusão da informação. Alguns desses inventos são a locomotiva a vapor ou trem, o rádio, a televisão e a informática, esta última mais destacada atualmente. A locomotiva a vapor ou trem, é uma herança da Revolução Industrial e foi um grande difusor de produtos, inclusive livros. Segundo Milanesi (2002, p. 37), "[...] não apenas acelerou a velocidade das relações econômicas, mas impôs uma nova dinâmica na circulação de bens culturais e na disseminação do conhecimento". Através desse meio de transporte, o livro e outros suportes de informação puderam ser levados a lugares distantes em um espaço de tempo menor, fazendo com que as informações fossem disseminadas a uma maior velocidade e com um maior alcance.

O rádio não foi a primeira forma de se enviar informações a longa distância, já que nessa época já existiam os telégrafos e telegramas, possibilitados pela eletricidade, mas na década de 1920, com o rádio, tornou-se possível enviar informações a longa distância para várias pessoas de uma só vez. Outra revolução proporcionada por esse invento foi a simultaneidade com que se fazia isso. Antes, quando um jornal recebia uma notícia, era necessário formar um texto, imprimir em larga escala e então distribuir, o que levava muitas horas. No rádio, excluíam-se os processos de impressão

e distribuição, de forma que assim que se tivesse um texto, a notícia poderia ser lida no rádio e escutada por milhares de pessoas.

A televisão hoje é comum nos lares pelo mundo afora. Através dela recebemos diariamente uma gama enorme de informações: de notícias importantes a filmes, programas de fofocas, até pronunciamentos oficiais do governo. A televisão age de tal forma que é o suficiente para as necessidades informacionais da população. Na voz de Squirra (1995, p. 38) temos que: "é inegável o papel da televisão como dinamizador cultural, formador de opinião, difusor do conhecimento e, obviamente, de entretenimento". Portanto, algumas pessoas preferem relaxar e assistir às notícias no telejornal em vez de comprar uma edição impressa na banca, ou assistir telenovelas a ler um romance. Assim, as informações que as pessoas têm necessidade de obter, conseguem ser saciadas pela televisão.

A informática surgiu logo após a Segunda Guerra Mundial, mas por ser muito custosa, grande e ainda com pouca capacidade de atender o que os usuários comuns necessitavam, a informática demorou a ser aceita socialmente. Apenas quando o tamanho e preço do computador diminuíram e quando ele podia fazer muito mais do que apenas cálculos, foi que ele "tornou-se parte da mobília, da mesma forma que o rádio e a televisão, mas assumindo o perfil de uma central de informação, unindo texto, voz e imagem. O computador transformou-se na máquina pessoal de informar" (Milanesi, 2002, p. 49).

Logo após a chegada dos computadores pessoais, veio a internet. A internet tem uma peculiaridade: ela permite uma interação com a fonte de informação. Aqui, a informação viaja em ambos os sentidos; todos podem ser receptores e difusores de informação. Por meio dessa rede informacional interconectada, o mundo tornou-se ainda mais globalizado e aparentemente menor. Segundo Macedo e Modesto (1999, p. 60), "a Internet é um novo caminho de conexão com a informação e seus usuários, superando as barreiras da distância e tempo"; é possível viajar sem sair de casa, procurar por informações diversas em um único lugar, visitar lugares *online*, falar com pessoas, divulgar ideias.

Neste ponto, percebemos que a internet traz soluções aos mais diferenciados impasses: tempo, espaço, acesso, disseminação. Mas também nos trouxe um problema, semelhante ao que aconteceu quando a imprensa de Gutenberg popularizou-se: a grande quantidade de informação disponível. Tendo toda essa quantidade de informação, o bibliotecário surge com o papel de mediador entre o usuário e a informação, de maneira a otimizar a recuperação de informação útil.

Todas essas inovações da tecnologia teriam, ao longo do tempo, distanciado as pessoas das bibliotecas. Segundo Laufer (2000, p. 157) "A ferramenta informática modifica os comportamentos culturais e as atitudes mentais". As pessoas deixam de se deslocar de onde estão para obter informações, porque podem encontrar tudo do lugar onde estão, através de compra de livros, assinaturas de revista ou de ferramentas de busca na *web*. Isso acontece porque a sociedade ainda vê a biblioteca como um local engessado, silencioso, ou ao qual só se vai para realizar pesquisas profundas. Houve um tempo em que as bibliotecas funcionavam assim, quando atendiam apenas a especialistas e clérigos e a maior parte da população não sabia ler ou escrever. Era o tipo de biblioteca passiva, que se colocava à espera dos usuários. Com a sociedade contemporânea dinâmica e imediatista, que busca por informação a todo momento, seja ela científica ou não, esse tipo de biblioteca passiva já não funciona. Se a biblioteca não criar demanda, ela vai cada vez mais deixar de ser frequentada pela população, ou minimamente irá permanecer estática, inerte, contentando-se com seu pequeno número de visitantes. Para criar tal demanda, as bibliotecas devem interagir com a coletividade, a fim de estimular sua necessidade de informação e sua vontade de participação.

Essa demanda pode ser criada através de atividades e serviços que estimulem a ampliação do conhecimento. Pode-se realizar programações de acordo com o que se passa em noticiários locais ou problemas da comunidade, e isso pode ser feito sob qualquer tipo de manifestação cultural, desde palestras a apresentações artísticas.

6 As transformações sofridas pelas bibliotecas

A descrição de Eco (1983, p. 53-54) nos leva à biblioteca do mosteiro, que se apresenta como um sistema complexo de organização e classificação dos livros, confundindo-se com sua estrutura arquitetônica e assim temos "as representações concretas e simbólicas do silêncio e da escuridão, da reserva do saber que deve se manter intacto, a salvo de todos; de um lugar onde se depositam livros para não se ler e para se preservar." (Obata, 1999, p. 92).

Assim, depois de termos visto o quanto as bibliotecas mudaram ao longo dos séculos, passando de 'lugar de sábios' a 'lugar de religiosos' até tornar-se um local menos restritivo, estamos presenciando agora uma nova mudança no espaço da biblioteca. Quando se fala em informação e tecnologia na mesma frase, logo se pensa na internet. Ela é uma parte muito importante nessas transformações, pois "o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial, está mudando e mudará para sempre nossa cultura" (Castells, 2010, p. 414), e com sua ampla difusão, ela tornou-se uma forte concorrente das bibliotecas, ainda que não a única.

A biblioteca tem tido que se desdobrar para continuar sendo um ambiente interessante para a sua comunidade de usuários, por tudo o que a internet oferece: *hiperlinks*, facilidade de busca, fontes variadas em um único aparelho, informações adicionais a um clique de distância, vídeos que complementam a informação, gravações de áudio, seja músicas, audiolivros ou de palestras, conferências, compras *online*, jogos e uma infinidade de ações. As extensas possibilidades foram trazidas para dentro de nossas casas, ambientes de trabalho, *lan houses*, escolas. Para Macedo e Modesto (1999, p. 61), as transformações que temos vivenciado afetam, com "a mudança da mídia única para a multimídia (integrando dados contendo texto, som, imagem e animações)", diversas organizações, mas principalmente aquelas que trabalham com as áreas de comunicação e educação.

Podemos observar alguns aspectos que têm mudado ao longo das últimas décadas. O primeiro são as fontes de informação. As bibliotecas têm incorporado em seu acervo: arquivos multimídia, vídeos, imagens, sons. Algumas fizeram isso forçadamente, já que muitas editoras publicam livros que incluem CDs ou DVDs para auxiliar o leitor no seu aprendizado. Outras fizeram por conta própria, adquirindo audiolivros, material complementar de pesquisa no formato digital ou mesmo filmes, CDs de música e jogos para o público infanto-juvenil. Outro aspecto de mudança diz respeito aos equipamentos tecnológicos presentes na biblioteca, como computadores, *tablets* e mobília tecnológica como a *sonic chair* (uma cadeira de som equipada com um suporte para *tablets*).

As bibliotecas têm tido a necessidade de se manter atualizadas, não apenas com relação a seu acervo, mas também em relação às tecnologias disponíveis, que podem facilitar a busca de seus usuários, além de servir também como lazer. Percebe-se que o *layout* arquitetônico da biblioteca tem mudado bastante. Tem-se usado mais cores e utilizado uma mobília informal de linhas modernas, criando espaços como lanchonetes e "espaços de ócio", que permitem que as pessoas se conheçam, onde podem conversar e trocar informações.

Esse *layout* também aproxima o bibliotecário e o usuário, já que tira do profissional o estigma de controlador do ambiente. Essa aproximação é mais um aspecto de mudança observado, quando o primeiro não apenas realiza trabalhos técnicos de catalogação e organização do acervo, mas se dispõe a estar em contato com o usuário e auxiliá-lo em suas necessidades informacionais, fazendo com que este se sinta à vontade para recorrer ao bibliotecário sempre que achar necessário. O processo de automação da biblioteca também ajuda nesse aspecto, já que o bibliotecário passa menos tempo realizando tarefas técnicas. A automação também facilita e agiliza o atendimento, pois com ela é mais fácil encontrar o item que é procurado ou mesmo o cadastro do usuário para realizar um serviço como o de empréstimo, por exemplo.

As bibliotecas também procuram promover eventos culturais e programas que interagem com as pessoas que frequentam o espaço. Rodas de leitura, shows, palestras, cursos, oficinas, encontros, produções de música, são apenas alguns

exemplos e as possibilidades têm se mostrado ilimitadas. Esse novo tipo de biblioteca se enquadra no conceito de centro cultural, que segundo Cenni (1991, p. 01), entende-se por um local que oferece consultas e leituras em uma biblioteca, a apreciação de exposições, de filmes, vídeos, a audição musical por meio de espetáculos, apresentações e/ou registros sonoros e, também, a realização de atividades através do setor de oficinas, definindo assim o centro cultural como “um espaço que abrigue e possibilite essa dinâmica da cultura”.

Fisicamente, a biblioteca é um ótimo espaço para interagir com pessoas, mas também o é a biblioteca digital. No contexto da Web 2.0, a existência da tela não elimina a interação que se pode ter na biblioteca física. A biblioteca digital pode se utilizar de *web sites*, blogs, redes sociais para estar em contato com seus efetivos e potenciais usuários. Através de mecanismos de bate-papo, de caixas de mensagens e de comentários, é possível que o bibliotecário se comunique com o usuário e vice-versa. Os usuários também podem se aproveitar de mecanismos como o fórum de discussões para consultar outros usuários à procura de respostas para suas perguntas. Nesse ambiente interativo, seja ele físico ou eletrônico, cada um possui seu próprio espaço como receptor e disseminador de informação. Em algum momento, alguém irá apropriar-se de uma informação que considera importante e em outro, esse mesmo alguém pode escrever uma postagem em um blog, criando um ciclo. Essa pessoa pode fazer isso de dentro da própria biblioteca física ou de qualquer outro lugar; o importante é que exista espaço para a discussão e produção de ideias.

Assim, “Se a biblioteca moderna e pré-moderna era o lugar da coleção, a biblioteca pós-moderna se apresenta (ou quer ser) como o lugar da informação, da discussão e da criação, rompendo vastamente com seus modelos passados.” (Coelho, 1997, p. 78). Esta concepção, a aproxima da função de um centro cultural, que conforme Cenni (1991, p. 199): “a função do centro cultural é procurar reativar as diferenças, diversificar o pensamento e mostrar que há outras formas de se olhar para o mundo além dos discursos oficializados pela escola, pela instituição e pela mídia”

As mudanças ocorrem também no âmbito social. Como foi visto anteriormente, as tecnologias não mudam o curso da história sozinhas, mas isso acontece em um processo dialético onde a sociedade pode aceitar ou não determinada tecnologia de acordo com suas necessidades. Assim, as mudanças que vemos nas bibliotecas, apesar de relacionarem-se com a tecnologia, também partem da sociedade. As transformações citadas são necessárias para que as unidades de informação não sejam esquecidas no passado, mas para que possam fazer parte do cotidiano das pessoas de forma natural, agradável e prazerosa. Já não mais se espera que o usuário entre na biblioteca, pegue um livro e se sente para realizar sua leitura. Espera-se que ele também faça um lanche, visite alguns sites na *web* e ouça música, assista uma peça, participe de discussões, de mesas redondas, e até que tire um cochilo, sentindo-se confortável em um ambiente acolhedor, no qual se sente bem-vindo.

Laufer (2000, p. 166) alerta que “Os efeitos da imprensa na sociedade e na cultura dos séculos XVI e XVII permitem frequentemente, hoje, imaginar os próximos efeitos da informatização dos suportes da informação.[...] A racionalidade tipográfica aumentou a parte do escrito-visual e reduziu a parte da voz, sem prejudicar a tradição antiga das artes de escrever. A racionalidade informática transforma os discursos.” Portanto, as mudanças devem ser percebidas e gerenciadas.

7 As bibliotecas como centros culturais

As mudanças assinaladas no presente trabalho são diversas e pode nos parecer pouco realistas de serem colocadas em prática. Nesta parte será mostrado, através de exemplos reais, que as transformações expostas são possíveis de acontecer, tanto em países do exterior como no Brasil. Existem muitas outras bibliotecas que aderiram a esse formato de centro cultural, como as Bibliotecas Parque na Colômbia, por exemplo, ou a Biblioteca Pública de Birmingham, ou ainda a Biblioteca Pública de Seattle. Com tantas opções, foi necessário realizar um corte, e assim chegou-se às quatro bibliotecas que servirão como exemplo: a Bibliothèque Publique d'Information, no Centro Georges Pompidou, na França, a Biblioteca Municipal de Colônia, na

Alemanha, a Biblioteca Parque Estadual no Rio de Janeiro e a Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil, também no Rio de Janeiro. Cada uma dessas bibliotecas foi escolhida por um motivo diferente. A *Bibliothèque Publique d'Information* (Bpi) foi escolhida por ser a pioneira nesse modelo de biblioteca como centro cultural. Apesar de estar dentro de um centro cultural, o Georges Pompidou, ela realiza programações à parte e oferece serviços inovadores a seus usuários. A Biblioteca Municipal de Colônia, que fica na Alemanha, chama a atenção por sua rede de bibliotecas, pela divisão do seu espaço físico e pela mobília tecnológica. Ela segue o modelo da Bpi, bem como a Biblioteca Parque Estadual no Rio de Janeiro. Esta foi escolhida por ser o modelo da biblioteca francesa aplicado no Brasil e será interessante ver como isso irá se desenrolar futuramente. Ela também faz parte de uma rede, mas esta foi a destacada entre as outras bibliotecas porque por ser a sede delas e por ter intenção de atender a todo o Estado do Rio. A Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil foi escolhida porque ela pode ser vista como a primeira biblioteca no Rio de Janeiro a possuir um formato de centro cultural, apesar de estar mais dependente do Centro Cultural do Banco do Brasil do que a Bpi está do Centro Georges Pompidou. Ela se encontra, bem como a Bpi, dentro de um centro cultural e as outras bibliotecas são públicas enquanto que esta é mista, financiada tanto por capital privado como público.

7.1 A *Bibliothèque Publique d'information*

Com um acervo que é constantemente atualizado, a *Bibliothèque Publique d'Information* está estreitamente vinculada ao Centro Georges Pompidou, um dos maiores centros culturais do mundo e que foi inaugurado na França em 1977. Seu edifício é considerado um marco arquitetônico da pós-modernidade e apesar de estar no mesmo edifício e de fazer parte desse grande centro cultural, a Bpi possui sua própria programação cultural. Ela fundou, em 1978, o festival internacional de documentários, o *Cinéma du Réel*. Além disso, possui áreas de foco específicas que são: a atualidade, a sociedade e o mundo, a criação literária e a cultura digital. Ela é a biblioteca nacional da França, e como tal, procura desenvolver programas com outras bibliotecas do país e do mundo.

Segundo o decreto de fundação da biblioteca, ela possui três missões, que podem ser encontradas em seu *web site* e são:

Oferecer a todos, na medida do possível o livre acesso, uma seleção constantemente atualizada de coleções francesas e estrangeiras de documentos de informação geral e atualizados; construir um centro de investigação documental, ligado a outros centros, bibliotecas e estabelecimentos culturais e participar de todas as atividades culturais do conjunto cultural do Centro Georges Pompidou (*Bibliothèque Publique d'Information*, 2014, tradução nossa).

A biblioteca funciona com base em três princípios: o de livre acesso, o de atualização constante da informação e a busca por meios inovadores de acesso informacional.

Quando à sua constituição física, a Bpi possui três andares, todos devidamente sinalizados para que os usuários possam se movimentar de forma autônoma. No primeiro nível, é explorado o lado jovem, com jogos, revistas em quadrinhos, e culturas emergentes. No segundo nível ficam televisores, onde o usuário tem acesso a conteúdo de todo o mundo, uma lanchonete, parte do acervo de livros e periódicos, uma área de jornais e uma área de autoformação, onde se pode aprender uma nova língua ou assistir tutoriais sobre o mundo digital. No terceiro nível, estão os demais livros e revistas, além de uma sala para o acervo musical, onde se pode tocar piano, e documentos de áudio que vão desde livros a conferências e palestras sobre o tema de interesse. Há também várias áreas de estudo em todos os andares. Em cada um dos níveis, os usuários sabem exatamente o que irão encontrar, pois há placas indicativas. Isso é extremamente importante quando se sabe que a Bpi abriga em seus três andares, mais de 430.000 itens em diferentes suportes, para consulta aberta. Desses itens, 3.300 são títulos audiovisuais (entre filmes, shows, documentários e desenhos), 350.000 são livros, 30.000 e-books, 1.800 são periódicos impressos, além de 20.000 itens

de música. A biblioteca ainda disponibiliza jornais de várias partes do mundo que podem ser consultados na área de jornais tanto na forma digital como na impressa, sendo que todo esse acervo se expande a cada ano.

Com relação aos serviços prestados, além dos serviços regularmente exercidos por bibliotecas como o empréstimo e acesso ao acervo, a Bibliothèque Publique d'Information oferece a seus visitantes aulas com profissionais especializados, workshops, simpósios, encontros, debates, exposições temporárias, exibições cinematográficas, performances artísticas, mediações de leitura. A Bpi também possui vários consoles de diferentes marcas de videogames, que o usuário pode usar mediante reserva prévia de horário. Os visitantes também dispõem de um espaço de armazenamento digital próprio, que pode ser usado mediante cadastro e é gratuito. A biblioteca possui 76 terminais de computadores ligados à internet além de outros 100 terminais de consulta, distribuídos pelos três andares do espaço e o acesso ao wi-fi é gratuito e aberto.

A Bpi está presente nas redes sociais com perfil no Facebook e no Twitter, além de uma conta no Dailymotion. Também possui um aplicativo para celular e tablet que pode ser baixado e que oferece informações em tempo real ao usuário e acesso ao catálogo e à agenda de eventos da biblioteca.

7.2 A Biblioteca Municipal de Colônia

Composta por seis andares, a biblioteca é o centro cultural mais visitado da cidade e recebe aproximadamente 8 mil pessoas por dia. Ela é a matriz de uma rede de 14 bibliotecas e que conta ainda com uma biblioteca móvel, que funciona dentro de um ônibus reformado que roda diariamente pela cidade. Assim, se faz presente em toda a cidade e oferece ambientes e serviços inovadores à população e a seus visitantes. Além de estar presente fisicamente, também está presente na web 2.0, já que possui um blog, uma página no Facebook, e um perfil no Twitter.

Localizada desde quando foi criada, em 1979, na rua Josef-Haubrich-Hof, na cidade de Colônia, cada um dos seis andares tem uma temática diferente. Assim, no subsolo fica a "Caverna", ou biblioteca infantil, com mais de 10 mil itens à disposição dos pequenos, além de CDs, DVDs, jogos infantis, videogames, jogos de computador e música. Os pais também são convidados a entrar nesse mundo com seus filhos, estimulando a leitura e a diversão. No térreo, o usuário pode relaxar em uma sonic chair, ler os jornais nacionais ou internacionais disponíveis ou tomar um café na lanchonete. O primeiro andar é o "Mundo de Conhecimento" e é lá que se encontra parte do acervo de livros, com os assuntos sociedade, ciência e tecnologia, geografia e viagem, casa e jardim. Lá estão localizados aparelhos de leitura para deficientes físicos e também se encontram expostos diferentes e-books disponíveis para uso e experimentação de quem estiver indeciso sobre uma ou outra marca. No segundo andar, o piso da "Literatura Mundial", é onde está o acervo de artes, poesia e literatura. São mais de 10.000 itens de obras de ficção, que atendem a jovens e adultos. Também é possível encontrar livros em outras línguas, e em formato digital. Nesse andar, há uma exposição permanente sobre Heinrich Böll. No terceiro piso, o "Mundo de Aprendizado", está localizado o acervo sobre educação, carreira, corpo e mente, com serviços de auxílio para abrir uma *start-up*, assistência estudantil, e ajuda para escolher uma carreira profissional. Na parte do corpo e mente estão itens de filosofia, religião e esotérico; uma coleção que se destaca é a Alemanha Judaica, com livros que contam a história dos judeus no país. O quarto andar, ou "O 4", é o andar mais tecnológico. Aqui encontra-se uma impressora 3D e um scanner 3D, que podem ser usados por quem obtiver um certificado dado pela própria biblioteca ao término de um curso que ensina como utilizar o equipamento. Também há uma impressora do tipo plotter, mecanismos para digitalização de fotos e conversão de VHS para DVD, instrumentos musicais como guitarra elétrica, piano elétrico, Launchpad (equipamento utilizado por DJ's) e microfone. Neste andar também ficam disponíveis para uso iPads com músicas, filmes e aplicativos e são oferecidos workshops sobre o tema do andar.

Esta biblioteca faz parte de uma rede, que conta com máquinas de livros em estações de metrô, biblioteca móvel e até mesmo uma biblioteca dentro de um

parque. Os funcionários da rede trabalham voluntariamente e a biblioteca central oferece um serviço especial de atendimento a domicílio para pessoas com deficiência física que estejam impossibilitados de ir à biblioteca. Nela, jovens atendem outros jovens através de um programa de estágio que conta para o currículo escolar dos participantes.

A função dessa biblioteca é de abrir portas, gerando confiança nos usuários, ter participação na comunidade, levar inspiração e indicar rumos, oferecendo orientação. Segundo Hannelore Vogt, diretora da biblioteca, o foco dos serviços passou dos livros para as pessoas. Isso explica a remodelagem no quarto andar da biblioteca que abriga o acervo ligado à música; tem-se a ideia de que as pessoas passem de consumidoras a produtoras. Os usuários também tem espaço para dar cursos, como é o caso de alunos que ensinam pessoas idosas a utilizar as novas tecnologias. A biblioteca tornou-se um centro de encontro e convivência, e promove atividades como shows, oficinas, apresentações de projetos e encontros.

7.3 A Biblioteca Parque Estadual do Rio De Janeiro

Fundada por D. Pedro II em 1873, sob o nome de Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro, a biblioteca já possuiu vários endereços e nomes. Inicialmente localizava-se no anexo do Arquivo da Câmara Municipal, mas até fixar-se em 1943 onde hoje se encontra, na avenida Presidente Vargas, ela também passou pelo Palácio da Prefeitura e pela Escola Orsina da Fonseca. Hoje chamada de Biblioteca Parque Estadual (BPE), já possuiu outros nomes. Além de Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro, já foi chamada de Biblioteca Municipal do Distrito Federal, Biblioteca Estadual da Guanabara, Biblioteca Estadual Celso Kelly e, anos depois, tornou-se novamente Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro. No ano de 1984, a biblioteca foi atingida por um incêndio, que forçou seu fechamento até o ano de 1987, quando foi reinaugurada. Em 2008, por conta de um projeto do Estado para modernizar suas bibliotecas, foi novamente fechada para ser reformulada, dentro de uma concepção pautada na *Bibliothèque Publique d'Information* e seguindo um projeto original de Glauco Campelo. Foi reaberta em 29 de março de 2014, com o foco de serviços voltados para o usuário.

A nova BPE pretende ser um polo de atividades culturais, informação e lazer acessível a todos, sem restrição de idade, região de domicílio ou nível de formação. É um local de espaços amplos, confortáveis e funcionais que oferece acesso à informação através de diversas linguagens, além de livros, vídeo, música, teatro e artes. Promove também atividades de fomento à leitura e é um espaço de educação informal (Rio de Janeiro..., 2014).

A BPE possui um acervo com mais de 250 mil itens, 20 mil filmes, três milhões de músicas digitalizados, além de revistas em quadrinhos e acervo para o público infantil. Entre os livros estão obras raras, que contam a história do nosso país e que podem ser acessadas por quem tiver interesse em pesquisar sobre seu passado, além de livros em língua estrangeira, para quem tem interesse em aprender uma nova língua, praticar ou estar em contato com sua língua materna. Com um espaço físico de 15 mil m², a biblioteca possui um teatro com capacidade para 240 pessoas, um auditório que comporta 90 pessoas e dois estúdios de música equipados. Entre os espaços que estão no prédio da biblioteca, destacam-se a lanchonete, espaços para reflexão, o acervo com os jornais do dia, o espaço para exposições, espaço voltado para o público infantil e cabines para ver filmes. Nos espaços ao ar-livre estão o jardim suspenso, um pátio com mesas e cadeiras e o bicicletário.

Entre os serviços oferecidos está o programa educativo chamado PalavraLab, que a cada ano lança temas diferentes sobre os quais é estimulada a produção de conteúdo multimídia que traga uma ideia, produto ou solução que possa ser aplicado. Esses são posteriormente reunidos na série *Cadernos da Biblioteca*, uma publicação da BPE. Também fazem parte dos serviços: oficinas e cursos de atualização, de leitura, de redação, de computação, entre outros temas, e atividades que incluem leituras, apresentações musicais, palestras com pessoas renomadas, encontros com autores, espetáculos de dança e de dramaturgia.

A biblioteca possui 200 computadores com acesso à internet para uso do público, além de aparato de inclusão que possibilita a leitura a pessoas com deficiência física. O wi-fi de 100 megabytes é liberado para quem estiver no interior da biblioteca, mediante o uso de uma senha, que pode ser obtida facilmente com qualquer funcionário da biblioteca.

A BPE faz parte de uma rede de Bibliotecas Parque que promete chegar aos lugares que mais necessitam de informação. A primeira biblioteca inaugurada nesse modelo foi em Manguinhos. Atualmente, também fazem parte da rede a Biblioteca Pública de Niterói e a Biblioteca da Rocinha. Nas redes sociais, a BPE está presente no Facebook, no Twitter e no Instagram.

7.4 A Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro

A Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro (Biblioteca CCBB RJ) foi criada em 1931 e originalmente era voltada para assuntos técnicos. Incorporada ao Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) no ano de 1989, localiza-se até hoje no quinto andar do edifício que abriga o CCBB no Rio de Janeiro. Com 2.200 m², atualmente ela possui uma sala de leitura com capacidade para 100 pessoas e um acervo com cerca de 150 mil exemplares entre os quais estão cerca de 300 jogos de computador e 300 audiolivros. Esse acervo se divide nos espaços da biblioteca, que possui áreas específicas para acervo de: literatura infanto-juvenil, multimídia, edições especiais e obras raras, periódicos, coleção Mozart de Araújo, coleção José Guilherme Merquior, obras de referência e para a coleção geral. A Biblioteca CCBB RJ é subordinada ao Banco do Brasil, uma empresa de economia mista. Por isso, ela atende a todos os usuários que quiserem fazer uso de seu espaço, mas os empréstimos são apenas para funcionários do Banco e seus dependentes, ou para pessoas que tenham cadastro em alguma biblioteca conveniada à do CCBB RJ. As consultas às salas de Edições Especiais e Obras Raras, Mozart de Araújo e José Guilherme Merquior são feitas mediante acompanhamento de auxiliares da biblioteca.

A Biblioteca CCBB RJ compartilha do planejamento estratégico do CCBB, que, segundo a bibliotecária da instituição, tem como missão "Ser referência em atividades culturais e de arte-educação, proporcionando experiências transformadoras e interativas", e como visão "Sermos reconhecidos pela sociedade como centro de referência cultural, convivência, reflexão e inovação, atuando com responsabilidade socioambiental". A biblioteca faz exposições à parte do CCBB, entretanto não há informações sobre outras atividades como palestras ou cursos. Tem à disposição do usuário, cerca de 10 terminais de consulta e apesar de não disponibilizar muitos aparelhos eletrônicos, a biblioteca oferece um serviço de wi-fi do qual a senha pode ser obtida com um funcionário. Apesar de não estar presente nas redes sociais, o CCBB, ao qual está ligado, possui conta no Facebook e no Twitter.

8 Considerações finais

Este trabalho procurou possibilitar a percepção da tendência de transformação das bibliotecas públicas em centros culturais nos dias atuais, contrapondo-se à função de apenas santuários da informação e depósitos de livros. Através do histórico apresentado, foi possível contemplar como as bibliotecas mudam a cada época com o surgimento de inovações e a aceitação e utilização destas pela sociedade. Foi visto como a tecnologia possui um importante papel na transformação dos ambientes informacionais.

Nota-se que o ofício do bibliotecário não foi necessariamente ofuscado pela Internet, ambiente onde os usuários podem, sozinhos, realizar suas buscas e encontrar resultados satisfatórios. Pelo contrário, o bibliotecário agora passa a ser visto como aquele que resolve problemas de busca informacional, que não se deixa perder em um mundo tão vasto no que diz respeito à informação e que serve como mediador entre esta e o usuário.

O que tornaria mais atraente aquela biblioteca que é um simples espaço de informação? Em um contexto, onde estar conectado com o mundo e às pessoas através da tecnologia é extremamente importante, a biblioteca deve buscar esse

nicho, além de criar novas necessidades, novos produtos e ir além do tradicional, criando um espaço de interação dentro do ambiente informacional. Essa demanda é criada através de reformulações do espaço, que passa a contar com ambientes despojados e propícios à reflexão, como lanchonetes, espaços para exposições e auditórios, e pela inserção das bibliotecas no ambiente digital e *online*, como em redes sociais, *web sites* e *blogs*.

Ainda, a partir dos exemplos apresentados, foi possível ver como essas bibliotecas que adotaram um modelo de centro cultural funcionam atualmente, criando um novo mercado informacional e acompanhando as tendências da área, de forma a não perder seus usuários para outras fontes de informação pouco confiáveis e realocando o bibliotecário dentro da área da ciência da informação, de modo que este possa, como dito, estar em evidência nesse mundo cada vez mais dinâmico. Acompanhar o desenvolvimento tecnológico e, portanto, social, é a melhor forma encontrada para que as bibliotecas possam sobreviver a uma realidade onde cada usuário possui um mecanismo de busca nas mãos.

Com base nos exemplos, percebe-se como as bibliotecas no Brasil ainda estão aquém no que diz respeito à tecnologia disponível para os usuários na biblioteca. Enquanto que na França e Alemanha vemos tecnologias como pianos elétricos e impressoras 3D à disposição dos usuários, no Brasil o foco ainda está nos computadores e na internet, quando existentes, para uso dos visitantes.

Quanto às atividades e serviços, estamos mais próximos do que é oferecido em outros países; apesar de ainda não oferecermos espaço de armazenamento pessoal ou serviço de atendimento domiciliar a quem não tem capacidade de ir à biblioteca, já promovemos exposições e cursos dentro da unidade de informação. Também estamos chegando perto no que diz respeito ao espaço físico das bibliotecas, com concepções de espaços abertos e interativos. Mas já nos igualamos no que diz respeito ao uso das mídias e redes sociais para a comunicação com o usuário. No Brasil, a ideia de que uma biblioteca possa servir para mais do que armazenagem de livros, mas também para promover a integração social, ainda é pouco difusa apesar de existente. O processo de mudança ainda é lento mas temos, a nosso favor, que já foi iniciado.

Referências

- Baratin, M. & Jacob, C.** (2000). O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Biblioteca Municipal de Colonia. Recuperado em 28 de outubro de 2014 de <http://www.stadt-koeln.de/leben-in-koeln/stadtbibliothek/>
- Biblioteca Parque Estadual. Recuperado em 19 de outubro de 2014 de <http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>
- Bibliotech. About bibliotech. Recuperado em 29 de maio de 2014 de <http://bexarbibliotech.org/about.html>
- Bibliothèque Publique D'Information. Recuperado em 19 de outubro de 2014 de <http://www.bpi.fr/Inicio-bpi>
- Castells, M.** (2010). A sociedade em rede. 13 reimpressão. São Paulo: Paz e Terra.
- CCBB RJ. Nossa biblioteca. Recuperado em 5 de novembro de 2014 de <http://culturabancodobrasil.com.br/portal/rio-de-janeiro/biblioteca/>
- Cenni, R.** (1991). Três centros culturais da cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado – Escola de Comunicações e Artes - USP
- Centre Pompidou. La Bibliothèque publique d'information (Bpi). Recuperado em 6 de novembro de 2014 de <https://www.centrepompidou.fr/es/El-Centro-Pompidou#287>
- Coelho, T.** (1997). Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo: Iluminuras.
- Cuche, D.** (2002). Hierarquias sociais e hierarquias culturais. In: _____. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC.
- Cunha, M. B. & Cavalcanti, C. R. O.** (2008). Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. Brasília, DF: Briquet de Lemos.
- Darnton, R.** (2010). A questão dos livros: passado, presente e futuro. São Paulo: Cia. das Letras.

Definição de biblioteca. Recuperado em 23 de novembro de 2014 de <http://www.priberam.pt/dlpo/biblioteca>

Eco, U. (1983). O nome da rosa. São Paulo: Nova Fronteira.

França. Décret n° 76-82 du 27 janvier 1976 portant création de la bibliothèque publique d'information. Legifrance. Recuperado em 6 de novembro de 2014 de <http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000306608>

Kolbegger, J. & Menden, V. Ein "etwas anderes" konzert. Blog da Biblioteca Municipal de Colônia. Colônia, 17 nov. 2014. Recuperado em 21 de novembro de <http://stadtbibliothekkoeln.wordpress.com/2014/11/17/ein-etwas-anderes-konzert/>

Laufer, R. (2000). Novas ferramentas, novos problemas. In: O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Macedo, N. D. & Modesto, F. (1999). Parte II: de novos ambientes informacionais mediados por redes digitais em bibliotecas. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, Nova Série.

Mcgarry, K. (1999). O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória. Brasília, DF: Briquet de Lemos.

Milanesi, L. (2003). A casa da invenção: biblioteca centro de cultura. São Paulo: Ateliê Editorial.

Milanesi, L. (2002). Biblioteca. São Paulo: Ateliê Editorial.

Obata, R. K. (1999). Biblioteca Interativa: Construção de novas relações entre biblioteca e educação. In: Revista Brasileira de Biblioteconomia e documentação. São Paulo: Nova Série.

Rede Globo - G1. Mais de 50% dos brasileiros estão conectados à internet, diz Pnad. 18 set. 2014. Recuperado em 18 de novembro de 2014 de <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/09/mais-de-50-dos-brasileiros-estao-conectados-internet-diz-pnad.html>

Rio de Janeiro (Estado). Secretaria de Cultura. Biblioteca Parque Estadual. Apresentação. Recuperado em 19 de outubro de 2014 de <http://www.cultura.rj.gov.br/apresentacao-espaco/biblioteca-parque-estadual-bpe>

Sá, M. I. F. (2013). Bibliotecas digitais: uma investigação sobre características e experiências de desenvolvimento. Orientadora: Rosali Fernandez de Souza. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro.

Saramago, J. (2014). Os apontamentos. 4a. Edição. Porto: Porto Editora.

Squirra, S. C. M. (1995). Aprender telejornalismo: produção e técnica. 1a. Reimpressão. São Paulo: Brasiliens.

Suaiden, E. (1995). Biblioteca pública e informação à comunidade. São Paulo: Global.